



Darcy Corazza in memoriam



Antônio Correa*

Oração do Abandono

CHARLES DE FOUCAULD

Senhor, a vós me abandono.
Fazei de mim o que quiserdes

O que de mim fizerdes, eu vos agradeço
Por que, com vossa graça,
estou pronto ou quero estar pronto
para tudo... E aceitar tudo,
contanto que a vossa vontade se faça
em mim e em todas as vossas criaturas.

Eu não quero outra coisa,
meu Deus!
Entrego minha vida em vossas mãos.
Eu vô-la dou, meu Deus,
com todo amor de meu coração,
por que eu vos amo.

Por que, para mim, é uma
necessidade de amor
dar-lhe e entregar-me em vossas
mãos, sem medida e com infinita
confiança, porque sois meu Pai.

Comentários

Essa grande oração revela uma alma entregue totalmente a Deus porque confia nEle como o "meu Pai".

Abandonar-se de verdade em Deus é um dos passos mais difíceis para aqueles que buscam o Senhor. Somos profundamente arraigados em nós mesmos; fincamos em nós as raízes de nossa segurança pessoal. E Deus nos diz sem cessar: "Nada temas, porque estou contigo, não lances olhares desesperados, pois eu sou teu Deus; eu te fortaleço e venho em teu socorro, eu te amparo com minha destra vitoriosa" (Is 41, 10).

Como é difícil confiarmos plenamente em Deus! Como é difícil lançarmo-nos no infinito amor e misericórdia do Seu coração!

Por mais que o Senhor manifeste, declare e prove Seu amor por nós, continuamos amarrados em nós mesmos, presos às nossas míseras forças, riquezas, poder, etc., como se isso pudesse, de fato, nos dar segurança e paz. Como nos enganamos! Ainda nos falta a fé. Caminhamos como os inseguros apóstolos do Senhor que, mesmo vendo os milagres de Jesus, ainda continuavam amedrontados e inseguros e sempre ouviam a mesma reprimenda do Senhor: "Como sois medrosos? Ainda não tendes fé?" (Mc 4, 40).



Em 16 de maio último, um ano se completou desde o falecimento de nosso querido DARCY CORAZZA, o "Veio", o "Côro", o "Cy", o Padre Darcy, a primeira ordenação do Ibaté, o "Consigliere", o Doutor, o Professor, o Psicólogo, o Pai, o Irmão, o Sogro e o A v ô . A m i g o e

companheiro infatigável, deixou junto a todos seu rastro de fé em Deus, confiança na vida e esperança no coração de todos os homens. Para homenagear sua memória, deixamos aqui registrada a todos os amigos do Ibaté a belíssima oração que Corazza nos retransmitiu pessoalmente, talvez a mais bela que há neste mundo. É a ORAÇÃO DO ABANDONO, de autoria do BEATO CHARLES DE FOUCAULD. Quotidianamente ele rezava esta oração, com o fervor e a intensidade de sentimentos que, quantas vezes, todos pudemos testemunhar com admiração e reverência. Desejamos paz para toda sua família e que Deus o tenha em Seu regaço.

Com que coragem o padre Foucauld disse ao Senhor: "Aceito tudo! Estou pronto para tudo!"

Quantos de nós estamos prontos para aceitar toda a vontade de Deus na vida? Na maioria das vezes, queremos que seja feita a nossa vontade, que se cumpram os nossos planos, que se estabeleça a nossa lógica.

A fé pressupõe aceitarmos a vontade de Deus; não reagirmos contra ela e nem nos revoltarmos contra seu cumprimento em nossa vida. É preciso sabermos dizer como o santo Jô, que na mais profunda miséria, ferido de lepra "desde a planta dos pés até o alto da cabeça" (Jô 2,7b) soube responder com fé quando sua mulher lhe disse: "Amaldiçoa a Deus, e morre!" (Jô 2,9b). A resposta de Jô é a de um verdadeiro homem de fé: "Falas como uma insensata. Aceitamos a felicidade da mão de Deus; não devemos também aceitar a infelicidade?" (Jô 2, 10a-b). E Jó venceu pela fé; soube abandonar-se em Deus. Foi justificado.

Os grandes homens e mulheres de Deus, de todos os tempos e de todos os lugares, foram aqueles que souberam confiar seu destino e sua sorte nas mãos dEle. São Paulo, na Carta aos Hebreus, afirmou que "sem fé é impossível agradar a Deus" (Hb 11,6a) e ainda "Meu justo viverá da fé" (Hb 10,38a). E, resumindo toda a importância da fé, declarou: "Foi ela que fez a glória dos nossos antepassados" (Hb 11,2). A partir daí, começou a narrar os grandes feitos de Abel, Enoc, Noé, Abraão, Sara, Isaac, Jacó, José, Moisés, Davi, Sansão, Daniel, etc. São Paulo mostrou o fruto da fé que nos leva a agir abandonados em Deus: "Graças à sua fé conquistaram reinos, praticaram a justiça, viram se realizar as promessas. Taparam bocas de leões, extinguíram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, triunfaram de enfermidades, foram corajosos na guerra, e puseram em debandada exércitos estrangeiros" (Hb 11,33-34).

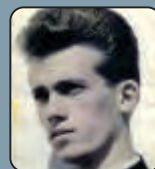
Que nos falte tudo, menos a fé e o abandono de nossa vida em Deus!

Prof. Felipe Aquino - do Livro: "EM BUSCA DA PERFEIÇÃO"

in <http://www.diariocatico.com.br/2011/04/oracao-do-abandono-escrita-pelo-padre-e.html>

(*) Antonio Carlos Correa-Careca, 64 (64/67) É psicólogo em São Paulo - acarlos90@uol.com.br

CASO EDIFICANTE



José Lui*

E AGORA...

O marido, um tanto preocupado, pois não sabia qual seria a reação da esposa e para testar sua fidelidade, lhe pergunta:

-Meu bem! O que você faria se eu viesse a ganhar na loteria?

A esposa ficou pensando um instante e foi logo respondendo:

Ah! querido, sem duvida eu pegaria a metade da grana e cairia fora.

O marido então, meio desconcertado, pega o bilhete e com toda a calma fala:

-Taí, ganhei 15 reais. Pega R\$7,50 e vaza.

(*) José Lui, 79 (49/56) filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978 rubrolui@hotmail.com

Para-choque do Caminhão do Ubaté

Na meia idade, o trabalho
já não dá prazer e o prazer
começa a dar trabalho.



APONTAMENTOS DE UM PREFEITO DOS MÉDIOS NO SEMINÁRIO DE SÃO ROQUE EM MEADOS DO SÉCULO XX (3)

Letterio Santoro*



E finalmente chegamos a novembro de 1959, onde não há no Diário estranhamente mais do que cinco apontamentos. Assuntos tratados nesse mês: Infância em 13.11 (***“Olhos, verdes olhos infantis! Espelho divinal onde Deus, gostoso, se retrata!...”***); em 14.11 ***Amizade (Feliz o homem que encontrou um verdadeiro amigo; achou um tesouro!”***; Estudos em 15.11 (***“Só penso em estudos, até na oração!... Um mês, minha alma, mais um mês e pronto!...”***); Retiro em 18.11 (***“Amanhã retiro pregado por nosso futuro reitor...”***

E no mesmo registro a nota de falecimento do Vigário de Entre Folhas, o Pe. José Lanzelotti, uma espécie de tio meu. O padre chegou a ir a São Roque. E no dia 24.11 o último registro, um registro lírico: ***“Não há mais bela coisa que o silêncio! Sente-se bem à sombra de uma árvore, ouvindo o chilreio longínquo da cigarra porque paira sobre tudo o manto do silêncio...”***

O chilreio longínquo da cigarra remete-me aos tempos finais de estudo, à época de calor, quando alguns, como eu, preferíamos sentar no bosque ao lado, à sombra dos altos eucaliptos, para minutos de lazer. E voava com minha fantasia aos dias de minha infância, trepado nos ramos do pessegueiro do quintal de casa, feito comandante de navio em alto mar. E escrevia alguns textos sobre o assunto.

De dezembro de 1959 não há registro algum sobre nada. Não é de estranhar, pois o vestibular para a Filosofia nos absorvia inteiramente, e as férias já estavam chegando. De estranhar sim a nenhuma referência ao regulamento, à disciplina, como durante o mês de agosto de meus primeiros tempos de prefeito dos médios. No início do segundo semestre a consciência me obrigava a escrever sobre o assunto.

Depois em setembro variei mais os assuntos, chegando a desejar sair do cargo, desanimado com o exercício da prefeitura. Outubro me revela que também os outros prefeitos tinham problemas com seus “subordinados”, pois se reuniram com o Pe.Ministro. E em novembro nem falava mais de regulamento nem disciplina. Como teria sido com os outros companheiros prefeitos? Está feita a provocação para se manifestarem.

Houve ainda, depois de nós deixarmos o Seminário Menor, aquele cargo de prefeito? Antes de nós com certeza. Antes e depois o cargo era sempre de um semestre? Se foi por hipótese de um semestre, em 24 anos de duração do Seminário do Ibaté, teríamos

tido, se meus números estão corretos, 144 prefeitos, consideradas as três divisões: São Tarcísio, São Domingos e São Luiz.

Já imaginaram se alguns deles cismarem de escrever um pequeno texto sobre sua experiência na prefeitura? Que visão teríamos dessa instituição onde aprendíamos a ter responsabilidade sobre os outros? Sei que não foram todas experiências positivas. Sei de colegas que chegaram a ser prefeitos nas três divisões. E que descobertas afinal cada um de nós - prefeitos por um semestre - pôde fazer naquele curto tempo?

Eu expus a minha experiência como prefeito. Meu amigo e irmão José Moreira, com sua admirável memória, poderia revelar-nos aspectos interessantes de seu tempo de prefeito dos menores. Aliás pela internet tem ele enviado comentários aprofundados que honram bastante esta série de Apontamentos escritos. Mas também outros companheiros por seus comentários indicam interesse pelo assunto.

Mas não gostaria de encerrar o assunto sem apelar para outra página de meu Diário, também do ano de 1959, mas do fim do primeiro semestre, descoberta por acaso recentemente depois de publicadas as duas primeiras matérias. É uma oração estranha, de página inteira, que eu dirijo ao Senhor no dia 15 de junho de 1959, pedindo-lhe que me desse um presente.

E qual seria o presente insistentemente pedido? ***“É este: de no segundo semestre não ter nada, isto é, encargo nenhum que me eleve acima dos outros e de todo encargo possível. Sim, meu Deus e Senhor, quero me deis esta grande graça, pois se me ajudardes, me vestirei sem nada deste mundo, nada que me ligue a esta miserável terra... Não ser nada! Oh, como é bom a gente não ser nada... Livrai-me de toda posição além da que me destes que é muitíssimo grandiosa: ser padre, ou antes, ter a vocação de ser padre...”***

Estaria eu desconfiado de que no segundo semestre poder-me-ia estar reservado algum “encargo”, qual seja, a possibilidade de ser eu prefeito, como já havia acontecido com outros companheiros de minha turma? A oração não foi atendida por Deus. Ele, o Senhor da natureza e da história, por sua Providência, quis que eu passasse por essa pequena provação de conhecer ao longo de seis meses a ambiguidade do poder.

(*) Letterio Santoro, 76 (55/59) Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça); autor dos livros CONTOS DE AMOR E OUTROS CONTOS, AMOR PLURAL, ANTOLOGIA POÉTICA, O EU HERÓI, MOMENTOS (poemas da infância e de adolescência), POEMAS PARA O MEU POVO. Reside em Garça/SP letterios@hotmail.com

Poesia - Poetry - Shi, filme de Chang-dong Lee



Joaquim Benedicto de Oliveira*



Atriz YOON JEONG-HEE (Mija)

É raro, hoje, um filme falar de poesia. Ela continua em baixa, especialmente em tempos de predomínio dos aspectos científicos no trato das coisas do mundo: pensamentos devem ser resultado de pesquisa, nem que seja medíocre, rasteira e inconsistente. Com certeza, é um modo de pensar resultante da força da mídia que tenta homogeneizar as mentes humanas.

Pois bem, e não é que um sul-coreano, Chang-dong Lee, resolve fazer um filme, quase diria à moda antiga, em que cinema era imagem natural, antes de ser efeito especial? Um rio (rio Han) serve de metáfora riquíssima de sentidos, significados e significações, tudo dependendo do olhar do espectador, do leitor de imagens, do conhecedor da língua do cinema ou do simples fruidor das paisagens, dos sons, das falas. Trata-se de um belo texto e, como tal, aberto à inteligência e à emoção de quem gosta de ... poesia.

Um rio é símbolo da vida, símbolo também do pensamento. Vida e pensamento correm sem parar, até quando dormimos ou sonhamos. A isso podemos acrescentar outras significações: as águas do rio constroem e alimentam a vida ou, contrária e contraditoriamente, destroem e matam a vida.

No início do filme, o rio Han flui como fluem a vida e o pensamento, é signo de possibilidades: o que pode acontecer na vida ou no filme? A câmera fixa se atém ao fluir das águas, e, ao longe, à imagem da ponte, obra do homem, resultado da cultura, verdadeira terceira margem do rio, aquela das possibilidades, das eliminações dos obstáculos oferecidos pela natureza e transpostos pelos homens.

Em seguida, a câmera vai lentamente voltando seu olhar para a direita e surpreende algumas crianças. De longe, parece que estão brincando e, de perto, parece que algumas estão plantando, enquanto um garotinho se destaca e procura algo num arbusto e, decepcionado por nada encontrar, parte para a contemplação do rio. É quando vê algo boiando nas águas que, aos poucos, vai sendo focalizado pela câmera: um corpo de afogado.

É assim que tem começo a história de Mija, a avó de Wook. É triste: cuida do neto, enquanto a mãe trabalha em outra cidade.

Na escola, Wook, juntamente com outros cinco adolescentes, abusa sexualmente da colega Agnes, que comete suicídio jogando-se da ponte do rio Han. É dela o corpo que boiava nas águas, no início do filme. Os pais dos garotos são suficientemente ricos para oferecerem uma quantia para a mãe de Agnes para esquecer tudo e, assim, não prejudicar o futuro daqueles adolescentes. A polícia, a imprensa e a escola já estavam "comprados". Mija, porém, não tem o dinheiro exigido pelos outros pais. Ela é aposentada, e completa seu sustento como espécie de enfermeira de um velho que não se locomove mais com facilidade. Continuar a cuidar do neto e, ao mesmo tempo, arrumar dinheiro para não prejudicar seu futuro, eis o resumo de sua vida no momento.

E o que a poesia tem a ver com tudo isso? Aí começa uma verdadeira aula de Teoria Literária.

Primeira aula: a poesia nasce da observação do mundo. Para isso, há que entender que a visão é o mais importante dos cinco sentidos. Ver é muito mais amplo que simplesmente olhar. É o aprofundamento do olhar, é deter-se demoradamente para descobrir o que ainda não se percebeu de algum objeto, acontecimento, lugar, pessoa. Mija olhava o mundo a sua volta mas não o via. Olhava as frutas caídas da árvore e não via que depois de pisadas passavam para uma outra dimensão. O poeta vê na fruta pisada um recomeço de vida enquanto semente que se libera para ser outra vez fruta. É a poesia lírica.

Segunda aula: a poesia fala das ações de heróis e de seres extraordinários, cantando suas glórias e feitos que repercutem a grandiosidade de suas comunidades ou nações. São as cantigas que exaltam os heróis do tempo. Mija observa e vê os pais dos meninos silenciando a mãe de Agnes, depois de silenciarem a polícia, a imprensa e a escola. São as ações heroicas do tempo sem ética já que tudo hoje tem seu preço. É a poesia épica, embora apresentada de forma irônica.

Terceira aula: a poesia é revelação da dor humana. Falar do ser humano, seja lá de que tempo for, é demonstrar o abismo de sofrimento existencial da alma. Decifrar a consciência humana é captar uma essência dramática do ser que se descobriu sozinho.

Mija olhava o rio Han e não via nunca os cadáveres que nele boiavam. É a poesia trágica, algumas vezes coberta pela ironia.

Poesia lírica, épica e trágica. Eis o resumo do filme. Aplicado tudo isso ao mundo de hoje.

Destaques.

Contraposições: meninos à beira do rio, em atividades junto à terra/meninos sempre em frente da televisão ou dos games, em atividades virtuais, afastados da terra; o velho sem locomoção, pedindo para Mija transar com ele, numa tentativa de se sentir ainda vivo/meninos abusando sexualmente da colega de escola; Mija, pobre, sem saber como levantar dinheiro/pais dos meninos sem dificuldade para pagar; Mija cobrando do neto a responsabilidade de ter sido a causa do suicídio de Agnes/pais em nenhum momento cobram alguma coisa de seus filhos; no final, Wook é o único responsabilizado/com os outros nada acontece.

Agnes: modificação de agnus, que, em latim, quer dizer cordeiro, o animal escolhido para o sacrifício. Wook foi também sacrificado em lugar dos outros meninos. Agnes e Wook com o mesmo destino: ironia.

Método poético da observação: teoria explicitada pelo poeta norte-americano Ezra Pound (1885-1972). A visão sempre foi o ponto de partida para grandes poemas dos maiores poetas. Camões, por exemplo, era mestre nisso.

Em conclusão, o filme Poesia-Poetry-Shi é um convite a ver o mundo nas suas entranhas. Para isso há que observar, como faz um cientista, a natureza, a terra, os homens. Talvez assim fazendo descobrimos que a vida é um permanente exercício poético e dos mais complexos. Se, por um lado, descobrimos a beleza de viver, por outro, nos deparamos com o lado desagradável de viver. A vida é assim: mistura de momentos, alternância de bom e mau, de bem e mal. Lírica no dia em que estamos em harmonia com o mundo, a natureza e os outros; épica, no dia em que realizamos algo em proveito da humanidade, em benefício dos outros; e trágica, no dia em que topamos com o sofrimento nosso ou alheio; e em especial, no dia em que descobrimos que fizemos os outros infelizes. Não somos um bloco de cimento, com medida, constituição e peso concretos, exatos. Somos imperfeitos e isso nos faz sofrer porque gostaríamos de estar sempre no lugar certo, no tempo certo e encontrar somente a felicidade.

(* Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 78 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP joka.oliveira@uol.com.br

PARÓQUIA DAS TROVAS

VERDADE

A verdade, afinal,
só precisa disso assim:
ser conforme com o real,
seu retrato. Ponto e fim.

Antonio Jurandy Amadi (51/57)

Ah! Que sou velho é verdade
mas que caduco, é mentira
a experiência com a idade
é valor que ninguém tira.

Alfredo Barbieri (49/53)

Priorizar a verdade,
em circunstância qualquer,
confere autenticidade
àquilo que a gente quer.

Joel Hireinaldo Barbieri (51/58)

MENTIRA

A mentira é a liberdade
de que muitos lançam mão
de enganar como verdade
os ingênuos de plantão.

Que mentira deliciosa
diz você que não me ama
mas fica toda ansiosa
e, se demoro, faz drama.

Mentira é sempre pecado,
dizia o Padre Pascoal,
que foi, em tempo passado,
nosso padre espiritual.



Temas para o
próximo ECHUS:
INUNDAÇÃO e FEITIÇO
Envie-nos você
também a sua trova.

NA CASA DO PAI

* Faleceu, aos 66 anos, no dia 26.04.2016
nosso colega RUI CESAR DE ASSIS GUERRA
(61/62).

* Faleceu, aos 76 anos, no dia 12.05.2016
nosso colega GIUSTINO BOTTARI (58/59). Vide
matéria na página 8.

* Faleceu no dia 25.05.2016, aos 89 anos,
NEUZA COCIANNI DEPOLITO, mãe do nosso
colega EDSON DEPÓLITO (63/64).

* Faleceu no dia 30.05.2016, aos 78 anos,
JUDITE SANTORO, esposa do nosso colega
LETTERIO SANTORO (55/59).



RUI CESAR DE ASSIS GUERRA



JUDITE SANTORO



GIUSTINO BOTTARI



NEUZA COCIANNI DEPOLITO E EDSON DEPÓLITO



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489



Logo cedo quando saiu da cama, abriu a cortina para ver como estava o tempo e, coçando o saco - como de resto fazia todas as manhãs - percebeu que havia algo de muito estranho. No tempo, não no saco. O céu continuava escuro como se fosse noite.

Na primeira mijada do dia, percebeu outra estranheza: seu pinto, antes liso, agora estava todo enrugado.

Ele acabara de chegar a Londres, mesmo sabendo da radiação que se espalhara pela cidade. Desdenhou dos alertas, achando que fosse exagero das autoridades.

Foi trabalhar, preocupado com as rugas penianas. No caminho, viu a coisa mais estranha que já presenciara na vida. Vários vendedores ambulantes ofereciam, discretamente, uns vidrinhos escondidos sob a capa de chuva. Eram frascos com saliva sintética. Na hora, não entendeu nada. Só chegando ao escritório, lhe explicaram. Desde que a maldita radiação cobrira a cidade, as pessoas passaram a sofrer de boca seca e os estoques de saliva sintética logo se esgotaram, obrigando o governo a racionar o produto. Daí a proliferação de cambistas de cuspe.

Ele ainda não tinha sentido nada, porque o efeito da radiação sobre a produção de saliva demorava de dois a três dias para se manifestar.

Na hora do almoço, as surpresas continuaram. Assim que chegou ao restaurante, notou a enorme fila na loja ao lado e o colega londrino foi logo explicando que eram pessoas renovando o seu estoque de oxigênio. Dentre os três efeitos que a radiação provocava, a falta de ar era o mais grave. Sim, porque a produção de saliva sintética rapidamente seria normalizada, mas a fabricação de oxigênio já era

assunto bem mais complicado de resolver.

Ele também não tinha sentido nada em relação a esse segundo efeito da radiação.

E qual seria o terceiro sintoma? Não precisou muito tempo para descobrir. No começo da noite, o colega que o levava ao bordel, explicou que, logo no primeiro dia de contato com o ar contaminado de Londres, um estranho fenômeno se manifestava nos homens. O pinto enrugava.

Daí ele começou a ficar preocupado. Afinal, como manter a fama de ganhão com o seu pingulim naquele estado? Mas, assim que chegou ao bordel, pensou que, se existe um lugar onde não há nenhum preconceito contra paus atípicos, ele estava justamente no lugar certo.

Escolheu uma garota e subiu para o quarto. Assim que arriou a cueca, tomou um tremendo susto. Aquelas rugas matutinas haviam se transformado num pau com rosca, igual a um parafuso. Mas a garota o acalmou, explicando que aquilo era efeito da radiação sobre os homens e que ele não se preocupasse porque o mesmo também tinha ocorrido com as mulheres. Estavam todas rosqueadas. E isso não era problema, pelo contrário, porque agora a transa ficara mais interessante. O homem tinha que se deitar de barriga para cima, introduzir o seu parafuso e girar a mulher, girar, girar até atarraxar completamente. O orgasmo, só com o aperto final.

Então, mais calmo e conformado, partiu para o crime.

Foi quando descobriu que a transa seria impossível.

Ele era brasileiro e a rosca na Inglaterra só girava ao contrário.

(*) Luiz Norberto Colazzi Loureiro, 67 (62/63) formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. Graduado em Marketing pela FGV-SP, ex-prefeito de Paraibuna-SP, atualmente dedica-se às letras, quando não está cozinhando. loureiroefabiana@gmail.com

FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

GIUSTINO BOTTARI, SAUDADES...



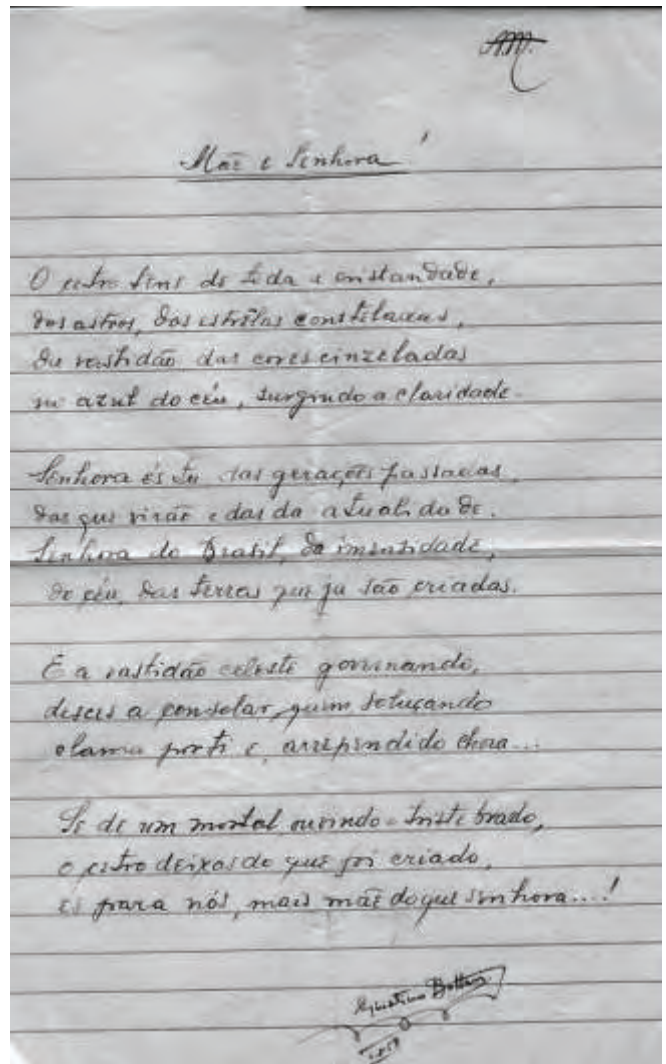
Como informado na CASA DO PAI, faleceu no último dia 12 de maio, aos 76 anos de idade, nosso colega GIUSTINO BOTTARI. Ele estudou no Ibaté nos anos de 1958 e 1959. Era poeta e exímio desenhista e cenógrafo. O informativo da época ECOS DA TRIBUNA, do Grêmio Literário Pio XII, tinha Giustino como desenhista.

Era publicitário, redator e diretor de arte em várias agências de propaganda. Tinha sua própria agência, a Graffiti Propaganda Ltda.

Cursou jornalismo na Cásper Líbero e Publicidade e Propaganda na USP. Estava aposentado e se divertia fazendo montagens no Photoshop.

José Moreia de Souza (55/59) que foi contemporâneo do Giustino nos mandou a mensagem abaixo, bem como, diversas imagens da época.

“A partida de nosso colega Giustino me pôs em profunda meditação. O padre Rui o escolheu como artista para ilustrar o Ecos da Tribuna. O padre Constantino, o de preparar os cenários do palco. O estro poético também foi louvado e celebrado. Ele o fazia com esmero. Nessa meditação, me ocorre o mérito que tivemos de viver no Ibaté. Vejo uma mensagem para o mundo. Como instituição de educação, o Seminário auscultava nossas habilidades e zelava pelo desenvolvimento pleno delas. Assim o foi com o Giustino, o que ele sabia fazer foi valorizado. O Seminário não lhe ensinou, apenas promoveu. Imagino que isto aconteceu com todos nós. Quem já sabia música teve oportunidade de desenvolver atividades musicais. Quem tinha habilidades esportivas compunha a seleção. Quanto a mim, levei a habilidade de saber engraxar sapatos pelas Missões e ajudar a limpar diariamente o Estudão até que o padre Rui me recomendou ao Constantino para atuar no palco e meus colegas de sala me elegeram à minha revelia vice-presidente do Grêmio para atuar junto a Antônio Millan. A renúncia do Millan me colocou em seu lugar”.



CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

De Alfredo Barbieri (49/53) - Caro Wilson: Acabo de receber o ECHUS 142 - março/abril de 2016. Li-o de "cabo a rabo", como dizia Poincaré. Leitura fascinante, instrutiva, recreativa, evocativa...O Jurandyr com sua atual e profunda mensagem de Páscoa...O Misericordiar do nosso Otto Dana, analisando com comentários pertinentes "O Nome de Deus é Misericórdia", do nosso Papa Francisco...O exame de consciência do prefeito Letterio e suas observações. A pausa poética dos Ecos da Tribuna. A exegese do Attilio do nosso Distintivo oficial e sua visualização, rica lembrança. A sogra e o cunhado em deliciosas trovas. Em "E LA NAVE SE VA", o Careca se superou e valorizou os lançamentos das obras dos nossos José de Anchieta e Giordano e rememorou nossas filas e seus puxadores e fechadores (baixinhos e altíssimos). Ah! O "Cantinho da Vanessa"! Que visão gostosa da realidade no contraste entre a fé e o prazer. Grande abraço aos nossos Guardiões da Justiça: Brant, Pimenta, David, Benvegnú, Luiz Alberto, Fierro e Leonidas. E encerrando o edificante: Remorso Cruel, do nosso Lui. Concordo com o Para-choque do nosso Caminhão do Ibaté. Por estes momentos de prazer e saudade: Obrigado ECHUS DO IBATÉ. Taubaté-SP, 18.04.2016 alfredo_barbieri@hotmail.com

De Valdevino Soares de Oliveira (59/63) - Oi, Joaquim, gostei muito de seu texto sobre o "Cantinho da Vanessa". O sagrado e o profano, o templo e o bordel ou bordeu(?) e sua bela poesia cobrindo tudo. Parabéns! Abraço. Mairiporã-SP 18.04.16 valdevinoooliv@hotmail.com

De José Moreira de Souza (55/59) - Wilson, minha sala, hoje, está cheia de gente de São Roque. O primeiro a chegar foi o Antônio Jurandyr Amadi. Ouvi atentamente sua - dele - mensagem de "Páscoa..., Ressurreição". Ouvi; não li. Tudo que Jurandyr escreve é para ser ouvido, preenchido com a entonação que lhe é peculiar. Logo em seguida, chegou Otto Danna com sua viola de dez cordas -psalterium decem cordarum. Corda, coração, misericórdia, foram assuntos de nossa conversa. De supetão, abraço o Letterio. Gozado. Letterio não trouxe assunto para conversa. Foi texto para leitura. Diário tem dessas coisas. A gente não fala. Escreve, guarda e, muito anos depois, lê. O capítulo segundo dos "Apontamentos de um prefeito" se apresenta para meditação. Coisa de retiro espiritual. Eis que chegam dois declamadores de poesia: O Arnaldo do time dos "postes da Light" - Alô Antônio Carlos Correa - e o Giustino Bottari. Vozes do passado do Ecos da Tribuna! Pois não é que a roda vai crescendo? A campanha soa e eis que chega, todo sorriso, - sorribelo

e dente - o sacerdos magnus, Dom Atílio Brunacci, nosso digno visitador apostólico. Mostra-nos o brasão do Grêmio e convoca Joaquim Benedicto de Oliveira. Pergunto: ele veio também? - Não, ainda vai chegar. Ué, em seguida a sala se torna pequena para receber e incluir na mesma roda de conversa o Amadi, o Alfredo Barbieri, o Joel e o Antônio Carlos. A sala ensaia risos, reservados para preparar a encenação de nova peça. Antônio Carlos Correa dá uma volta, pede licença e põe na roda o Anchieta, o Claudio Giordano. Os livros tomam conta da conversa. Livros em fila...Nisso, convido todos a se sentarem ao redor da mesa, trago um copo e ordeno: "todos com o dedo polegar da mão direita no copo". Silêncio de meditação. Olhos fechados. Leio o Ecos da Tribuna do ano de 1958. A turma da sexta série fala das "fraudes do espiritismo". Pois não é que o copo começa a girar em torno da mesa e soletra: "S...O...U...// J...O...S...E// [Os traços mostram que o copo retornou ao centro da mesa.] P...A...U...L...O// G...O...M...E...S// E...U// T...A...M...B...E...M...// F...U...I// C...E...N...O...G...R...A...F...I...S...T...A// A...T...E// Q...U...E// C...H...E...G...O...U// O//G...I...U...S...T...I...N...O// Giustino, assustado, levantou-se: "Você nem me conheceu!" E em coro dissemos a uma só voz, "Fica com Deus, José Paulo!" Viramos a página, a campanha soou. Antônio Carlos antecipou: "É o Quinzinho!" Era mesmo. Quinzinho - Joaquim Benedicto de Oliveira-. Pois não é que ele danou a conversar sobre Teodiceia da boa Fortuna e Misericordiar? Otto se empolgou. Nós todos. Viramos a página. E comparece por trás de tudo a figura de Santo Afonso Maria de Liguori, como anjo para iluminar José Luiz Brant de Carvalho, Alberto Pimenta Júnior, David de Moraes, João Bevengnu, Francisco Fierro, Leônidas Moreira Neto, Luiz Alberto Correia. Eu vi ainda o Getulino do Espírito Santo Maciel em meio a essa turma de grandes causídicos. Chegou a hora de rir. Começou britanicamente. Era o Lui com um dos seus melhores "casos edificantes". Riso sem festa é perversão. Saímos pela rua e fomos celebrar a alegria no sítio do Rovirso. Parabéns, Wilson. Valeu. Belo Horizonte-MG, 18.04.2016 zedeflora@gmail.com

De Jose Luiz Brant de Carvalho (51/56) - Olá Pessoal. Um mundo melhor era o que todos queríamos e ainda queremos. Fiquei emocionado com os momentos do nosso viver. A foto em preto e branco e as coloridas (no ECHUS 142) desenharam nossos desafios. Um mundo bom para todos nós. Agradeço muito a lembrança. São Paulo-SP, 27.04.2016 jbrantdecarvalho@bol.com.br

DE QUEIJO E CACHAÇA

Tributo ao amigo ibateano José Moreira de Souza

Attilio Brunacci*



A seção “Correspondência Recebida” desta edição do Echus do Ibaté registra o recebimento de uma carta via e-mail do colega José Moreira de Souza (55/59). Na verdade, não é uma carta; é um artigo. Artigo que revela o que se passou no coração dele ao ler todas as matérias do Echus anterior (nº 142, março/abril-2016). Do seu coração, aflorou para a sua inteligência um sentimento que resultou numa magnífica “correspondência recebida” a qual tive o privilégio de ler antes de ser publicada. (Sugiro que todos a leiam antes de continuar esta leitura.)

Ao ler o seu texto, a gente percebe, ou melhor, a gente sente que o “velho” Moreira foi acometido por um surto de emoção e, de imediato, transformou sua sala de trabalho em um palco (ó tempos teatrais no Seminário!) “cheia de gente de São Roque”, como escreveu ele. Nesse “palco”, ele vai apresentando e descrevendo cada um dos colegas que, nessa edição

passada colaboraram com alguma matéria, com algum artigo, com alguma foto; desde o Jurandir Amadi com sua sagrada mensagem de Páscoa, passando pela foto de 1966 dos neo-advogados ibateanos e pelo pecaminoso “Caso Edificante” do José Lui, concluindo com o convite do Rovirso para um convescote em seu latifúndio em Itatiba. À maneira de despedida, Moreira termina com a saudação: “Parabéns, Wilson Mosca. Valeu”.

Daí que, então, ao ler o e-mail, me veio à mente a expressão latina: “De omni re scibili et quibusdam aliis”. Tradução literal: de todas as coisas que é possível saber e ainda de algumas outras.

Deduzo: o Moreira sabe a respeito de todas as coisas - de omni re scibili - e também sabe de algumas outras - et quibusdam aliis...

Esse seu e-mail, assim como os vários artigos que envia pro Echus, são uma singela (o bom mineiro é singelo...) amostra do seu preparo intelectual que, então, me “obrigou” a dedicar-lhe este tributo. Como sociólogo que é, esse fruto de São Roque já desenvolveu atividades na Planbel-Planejamento da Região Metropolitana de Belo Horizonte; foi professor universitário; tem em seu cabedal de cultura amor pelos temas relacionados com o folclore mineiro; é presidente da Comissão Mineira de Folclore; ama as tradições culturais e folclóricas das cidades do

entorno de Belo Horizonte, como, por exemplo, Santa Luzia e Gouveia, sua terra natal.

Até aqui, enalteço esses fatos que incluem o Moreira no quesito: “De omni re scibili...”. Mas, e os “... quibusdam aliis”? E os outros saberes?

Bem, aí é outro departamento. O “...quibusdam aliis”, os seus outros saberes - na minha opinião, os mais enaltecidos - são revelados nos nossos encontros bienais no Seminário do Ibaté. Moreira e sua esposa Adélia são contumazes participantes desses encontros. Até aí, tudo bem; merecem aplausos. Só que...

Só que, se ele é um sabichão de re scibili..., ele revela ainda mais seus outros saberes nos nossos encontros. Isso porque, religiosamente, a cada encontro no Ibaté ele leva um queijo e uma garrafa de cachaça; o famoso queijo canastra e a não menos famosa cachaça mineira. O queijo, à tardinha, no final do encontro, o Moreira corta em pedaços e compartilha com os companheiros; a garrafa de cachaça eu levo pra minha casa e guardo tudinho na minha corrente sanguínea.

É ou não é o “...quibusdam aliis” que complementa esse provérbio e que respalda o arsenal do saber sociológico, folclórico, histórico e cultural que honra o Moreira e a todos nós?



Queijo e cachaça!

Ainda a propósito desse e-mail, seu conteúdo deixou claro que o lema do Echus do Ibaté - Ut omnes unum sint - continua se concretizando em cada edição, em cada encontro. Eu, da minha parte, acrescento: que todos nós sejamos também cor unum et anima una, como se lê nos Atos dos Apóstolos, como uma referência ao número dos primeiros cristão que crescia a cada dia.

Parabéns, Moreira, pela inspiração/emoção que levaram você a redigir “em sua sala” o texto e enviar pra nós, leitores ibateanos.

Valeu!

(*) Attilio Brunacci, 80 (49/55) Educador e Consultor Ambiental na área de Desenvolvimento Comunitário. Graduado em Filosofia e Teologia. Autor dos livros: “Grazie Tante”, autobiografia, “São Paulo na Frente pelo Trabalho” e “Cetesb”: 25 anos”. Exerceu o sacerdócio no período de 1962 a 1970. atilibrunacci@gmail.com



Realmente como estava adrede programado (gostaram do adrede), passamos um dia de alegria e conagração no chamado "santuário futebolístico" (apud Mosca) e revivemos os idos do Ibaté.

O dia foi ensolarado (desconfio que o Rovirso tem participação no Setor de Programação Climática, porque é só marcar o evento e o tempo se abre e o sol brilha ou é milagreiro ou Pai de Santo).

Os times estão defasados. Muitas das nossas estrelas já não jogam mais, devido a problemas técnicos muito complexos (vulgo VEIEIRA), quando muito conseguem chegar até o campo, mas a cervejinha os anima.

Vamos ao jogo. Uniformizados e em fotografia, dão inveja a qualquer um! O Cacique dos Araçás desta vez montou, isto é escalou, um escrete selecionado, escolhido a dedo (apontava o dedo e dizia: você...você...)

O Galo de Ouro com 5 jogadores e o Leão de São Marcos com 5, digo seis, com o juiz, previamente contatado, segundo apurou nossa equipe de reportagem (vide foto). Mas nem precisou.



Presença feminina.



Um juiz sereno, postado no meio do campo e apitando com destemor. Não teve muito trabalho, nem faltas conseguiram fazer.

Um detalhe inovador: não havia goleiro. Em compensação só valia gol se marcado da pequena área.

O Galo de Ouro saiu depenado e o Cacique dos Araçás sorria e foi comemorar com churrasco de carneiro e de sobremesa melancia fêmea (segundo classificação do nosso Rocco). Aliás esta melancia tem história: foi adquirida pelo nosso Orsari e pesava 20 quilos (talvez seja cultivada em ITU) e alimentou a todos e ainda sobrou...

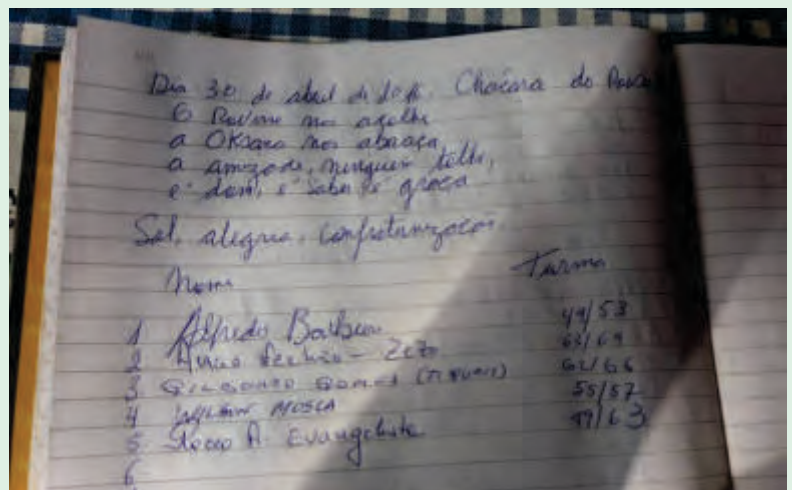
Como os que jogam são poucos e a tendência é de novas baixas, foram feitas sugestões para o próximo embate: vôlei, ping-pong, peteca...

Um destaque especial e a nossa saudação à equipe feminina, capitaneada pela Oksana, que sem jogar marcou gols de simpatia, de alegria e enfeitou com suas presenças nosso dia.

Reporter, por uma partida, quero deixar meus cumprimentos aos destemidos colegas, que apesar das limitações do número, da idade, do calor, deram um exemplo de tenacidade e jovialidade, mostrando que o tempo passa, mas o companheirismo, a garra, a vontade de vencer obstáculos permanece. PARABÉNS.



Tentativa de suborno



(*) Alfredo Barbieri, 84 (49/53) - É Professor aposentado da Universidade de Taubaté e Membro da Academia Taubateana de Letras. alfredo_barbieri@hotmail.com

Photantiqua

Foto cedida por ANTONIO CARLOS CORREA-CARECA (64/67).



FESTA DAS MISSÕES - 31 DE OUTUBRO DE 1968 - 01. ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA- 02. BERNARDO MENDES PIRES- 03. MÁRIO PIVA- 04. HELENO CESARINO- 05. BENEDIT ANTONIO DA SILVA- 06. RENATO LITERIO DA SILVA- 07. BARTOLOMEU COLACIQUE- 08. JOÃO BATISTA DO VALLE- 09. JOSÉ PEDRO DE CAMARGO RODRIGUES DE SOUZ (XIXA)- 10. ACÁCIO FÉCCHIO- 11. CARLOS CÉSAR HENRIQUES- 12. (???) - 13. VICENTE PAULO ROMÃO- 14. DURVAL BUENO- 15. (???) - 16. AIRTON ORESTE GOBBI- 17. (???) - 18. CLÁUDIO ROMANO PIAZZON- 19. JOSÉ PETRÚCIO AGUIAR HORTÊNCIO- 20. EGIDOMAR JOSÉ MARIANO- 21. SÉRGIO CRISPILHO- 22. (???) - 23. (???) - 24. SÉRGIO MOREIR DA SILVA- 25. TARCÍSIO SOBRAL TEIXEIRA- 26. JOSÉ RICARDO FALCÃO- 27. ANTONIO SYDNEI DE OLIVEIRA JR.- 28. JOSÉ ESPÍRITO SANTO AMARAL- 29. JOSÉ ANTONI TAKEO TOYAMA- 30. LUIZ ROBERTO DA SILVA OLIVEIRA- 31. ARIIVALDO MANTOVANNI- 32. ROVIRSO APARECIDO BOLDÓ- 33. ÉDSON NÓBREGA DE MEDEIROS- 34. FAUSTO GUIMARÃES FORTES- 35. ANTONIO SÉRGIO PAVÃO- 36. DOMINGOS SÁVIO AMSTALDEN- 37. FRANCISCO CARLOS DOS SANTOS- 38. (???) - 39. LUIZ CARLO MARTOS- 40. ROQUE JOSÉ ALVES DE LIMA- 41. NICOLAU GOMES- 42. EDUARDO PIRES D'ELBOUX- 43. JOSÉ CARLOS BARBOSA- 44. ANTONIO CARLOS CORREA- 45. JOS RIBEIRO- 46. DJALMA AUGUSTO DE MEDEIROS- 47. GERALDO LUIZ DE ABREU- 48. JOSÉ CARLOS DA SILVA- 49. JOSÉ FERREIRA- 50. LÁZARO DIRCEU MENDES D AGUIRRE- 51. NEOLIR ANTONIO MONTINI- 52. EURICO BARRETO- 53. JOÃO BOSCO BARBOSA- 54. CARLOS ALBERTO FRÉGGINE- 55. ROSMAR ZOLA MATHIAS- 56. VALDI MARINO GUELERE BACAICOA- 57. JÚLIO CELSO FERNANDES SOARES- 58. FRANCISCO FERREIRA DE ALMEIDA- 59. NÉLSON TADEU SPERANZA- 60. ROBERTO BERTGEI- 61. VÁLTER NUNES CORREIA- 62. EMÍLIO CRISPILHO FILHO- 63. (????) - 64. ODAIR GILBERTO FERNANDES- 65. (???) - 66. CARLOS JOSÉ VILA MAIOR- 67. REGINALDO ZULLI BEZERRA- 68. VÁLTER GALHARDO- 69. (???) - 70. JOSÉ VERÍSSIMO FLORÊNCIO NETO- 71. RAIMUNDO CÉSAR DANTAS- 72. LUIZ CARLOS RIZZO- 73. LUCIANO PEREIR MONTEIRO- 74. LUIZ ROBERTO SOARES- 75. SEVERINO RAMOS DE SANTANA- 76. JOÃO MANOEL FERNANDES REZENDE- 77. VALDIR APARECIDO CAMARGO- 78. SUN KE MI- 79. MÁRIO FERRARI SOBRINHO- 80. CLÓVIS ANTONIO CAMARGO- 81. CIRÊNIO JOSÉ DA GAMA- 82. JOSÉ CLÁUDIO PEPE- 83. DIMAS RIBEIRO- 84. CLÁUDIO GOME BOTÃO- 85. (????).

AVISO IMPORTANTE

A NOSSA CAIXA POSTAL 71509 - CEP 05020-970 FOI CANCELADA.

ENVIAR A CORRESPONDÊNCIA PARA:

ECHUS DO IBATÉ
A/C WILSON MOSCA
RUA CAIOWAA, 1872 - APTO. 34
01258-010-SÃO PAULO-SP

OUVIR CANTAR O FADO

Joel Hirenaldo Barbieri*



O fado, segundo a Enciclopédia Wikipédia, é um estilo musical português, geralmente cantado por uma só pessoa-fadista- e acompanhado por viola e guitarra portuguesa. Os temas mais cantados no fado são a saudade, a nostalgia, o ciúme ou as pequenas histórias do cotidiano dos bairros típicos.

A palavra fado vem do latim, fatum, ou seja, destino, sina, vaticínio. De origem obscura, teria surgido, provavelmente, na primeira metade do século XIX. Há quem aponte na sua gênese uma síntese de gêneros musicais brasileiros, então de grande popularidade em Lisboa, como o lundum e a modinha.

É interessante observar as características peculiares do fado de cada região de Portugal. O fado de Coimbra, por exemplo, é muito ligado às tradições acadêmicas da Universidade de Coimbra. É, exclusivamente, cantado por homens. Tanto os cantores como os músicos se vestem de negro. Os temas contemplam os amores estudantis e o amor pela cidade. Quem não se lembra, com encantamento, do fado COIMBRA É UMA CANÇÃO que teve êxito assinalável em toda a Europa e depois em todo o mundo!

Já o fado de Lisboa é cantado tipicamente nas casas de fado, tanto por homens como por mulheres e o tema fundamental é cantar com tristeza e com sentimento, mágoas passadas e presentes, ou contar uma história divertida com ironia.

As melhores casas de fado encontram-se nos bairros típicos de Lisboa: Alfama, Mouraria, Bairro Alto e Madragoa. Mas o genuíno Bairro Alto, na colina mais elevada da cidade, com vista voltada para o tranquilo e poético rio Tejo, centro da mais agitada vida noturna lisboeta, com enorme variedade de restaurantes típicos, bares e discotecas é o grande e palpitante coração do autêntico, doce e nostálgico fado, cantado ao som da guitarra portuguesa que embala a dor e a saudade de uma cidade cheia de encanto e beleza. Não é sem motivo que o vate lusitano apregoa:

***Todo aquele que quiser, pode cantar,
Mostrando a sua voz nas desgarradas,
Com certeza dirá ao retirar
Que as noitadas aqui são bem passadas...***

Maria Severa foi, sem sombra de dúvida, a primeira, a mais célebre intérprete do fado de que se tem conhecimento. Cantadeira cigana surpreendeu Lisboa com a sua beleza exótica e o seu cantar expressivo. Com Amália Rodrigues, todavia, o fado de Lisboa teve o seu expoente máximo. Conhecida na história da música como a Rainha do Fado, encantou multidões com a pureza do seu canto, com o sentimento de sua voz que só ela soube expressar. Ganhou fama mundial interpretando canções eternas como LISBOA ANTIGA, COIMBRA, UMA CASA PORTUGUESA...



Amália, com seu talento musical, “interpreta com classe, com convicção e com um compromisso de comover a qualquer um que ouça a sua música, a música de Portugal”.

O fado não é apenas uma canção acompanhada à guitarra. É a própria alma do povo português. Ouvindo as palavras de cada fado, sente-se a presença do mar, a vida dos marinheiros e pescadores, as ruelas e becos de Lisboa, as despedidas, o infortúnio e a saudade. Saudade que é uma palavra bem portuguesa que, no mundo, não tem tradução senão espiritual.

Convém salientar que o fado é apenas uma canção, um estado da alma, um momento passageiro de nostalgia e tristeza. O que não autoriza ninguém a pensar que o povo português é um povo triste, melancólico. Pelo contrário, é um povo alegre, essencialmente festeiro e expansivo. Basta lembrar a diversidade do seu folclore popular e colorido, as monumentais procissões, as piedosas romarias e tantas outras manifestações de alegria.

Ouvir cantar o fado, em noites enluaradas de Coimbra é transportar-se a páramos etéreos de intensa sublimação e emotivos delírios. Ouvir cantar o fado, no aconchego de um restaurante típico de Lisboa é conhecer a índole benfazeja de um povo, no que há de mais singelo, mais puro e mais gratificante.

Ouvir cantar o fado é simplesmente viver um momento raro, inesquecível. Quem duvidar, ora pois, é só conferir.

(*) Joel Hirenaldo Barbieri, 78 (51/58), licenciado em Letras e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Aposentado no cargo de Diretor da Câmara Municipal de Taubaté. Escritor e Poeta. Membro da Academia Taubateana de Letras. Joel.hirenaldo@terra.com.br

IMPRESTÁVEL

Euclides Albino dos Santos
(in memorian)*



No vazio da noite, vagava eu pelas ruas, na solitária esperança de encontrar companhia. Alguém com quem pudesse trocar idéias, aliviar o fardo do silêncio e da solidão. Foi quando resolvi entrar num bar. Deslizei como fantasma por entre as mesas, quase imperceptível, deixando-me cair anônimo sobre uma cadeira, em mesa só, quando três delas vazia me faziam companhia. Só eu a olhar o bar cheio de barulhos, conversas de bebidas, pingos de amizades, piadas de alegria, algazaras de grupos e uma música ao fundo a preencher os meandros vazios dos solitários a esperar.

Pouco tempo passou, No recinto, entrou uma ninfa. Só. Cabeça erguida, independente. Eu a vi vindo em minha direção, sem me olhar e parar junto à mesa em frente. Mãos de fada se estenderam e delicadamente puxaram uma das cadeiras. Num meneio natural, espontâneo, dominador, suavemente amassou a cadeira com as plumas macias, no seu gesto de sentar, e nem me olhou.

Solícito, o garçom depositou o champanha no copo e um prato de petiscos, por certos saborosos, pedidos em segredo, à surdina, coisa que só entendi, quando o garçom voltou. Seus lábios se abriram em desejos e ela sorveu os cristais borbulhantes compassadamente, denotando estar sem muita sede, mas deliciosamente ingerido, inundando-a suavemente de prazer. Estendeu a mão de Circe que se alongou até os petiscos e trouxe um naco deles à boca, mordicando-os voluptuosamente, até o fim. Estirou a mão até a taça, trouxe-a até à boca e cobriu-a de beijos até findar-se o líquido. Sumiram-se os petiscos de mordida em mordida e o champanha de beijo em beijo. E nem me olhou.

Pegou um cigarro. Apertou-o delicadamente entre os dedos. Levou à boca. Sugou-o deliciosamente, entre os lábios. Prolongou o prazer até o fundo, até o fim. Num gesto decidido, como a voltar para a realidade, jogou a ponta do cigarro fora: Imprestável e nem me olhou.

Senti-me uma ponta de cigarro jogada fora: Imprestável.

(*) Euclides Albino dos Santos (53/59). In memorian. Faleceu em 12.04.2014. Era Escritor e Poeta.

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.05.2016	
POSIÇÃO EM 31.03.2016	11.681,07
ENTRADAS	
Contribuições e doações	289,10
Juros	132,91
TOTAL ENTRADAS	422,01
SAIDAS	
Diagramação Echus 142	490,00
Despesas Correios	43,75
Despesas Bancárias	44,65
TOTAL SAIDAS	578,40
SALDO ATUAL 31.05.2016	11.524,68
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A **Turma do Ibaté** agradece as contribuições recebidas no período de 01.04.2016 a 31.05.2016, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, Francisco Fierro, José Écio Pereira da Costa Junior, Vicente de Paulo Moraes e Wilson Mosca. Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP-Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Carlos Correa-Careca, Antonio Jurandy Amadi, Attilio Brunacci, Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Letterio Santoro, Luiz Loureiro, Paulo Francisco Toschi.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet: * E-mail : echus@zipmail.com.br ; echusdoibate@gmail.com * Blog do Ibaté: www.ibate-sp.blogspot.com * E-mail do Blog do Ibaté: ibate.sp@gmail.com * "Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br * Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br * Twitter Amigos do Ibaté: http://twitter.com/echusdoibate

* Comunidade IBATEANOS no Facebook * Echus do Ibaté nas nuvens: links http://177.103.223.197/Echusdoibate/

Diagramação:
Conexão Propaganda (11) 4063-9081

